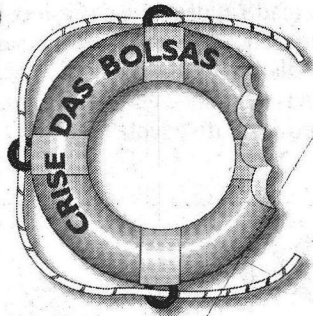


# A arte de ganhar a vida errando

Crise internacional de falta de dinheiro acentua desconfiança numa das profissões mais polêmicas do mundo



André Stumpf  
Da equipe do Correio

Albert Einstein morreu e foi para o céu. Chegou lá, ao ser apresentado a três anjos, ansiosos para conhecer o mestre, pediu de maneira educada a cada um deles que mencionasse seu quociente de inteligência. O primeiro informa logo: o meu QI é 180. "Esse é um índice excelente. Poderemos conversar sobre a minha teoria da relatividade", disse. O segundo anjo informa que seu QI é 130. "Teremos oportunidade de conversar sobre a política mundial", comenta o professor. O terceiro anjo dá um passo à frente e informa: 80. Einstein, sempre muito gentil, pergunta: "Amigo, o que você acha das perspectivas econômicas?"

A piada corre nos meios acadêmicos norte-americanos e naturalmente aborrece os economistas. A profissão deles está sob cerrado ataque, depois que seus expoentes assinaram monumentais fracassos na difícil arte da previsão e erraram diagnósticos sobre situações conjunturais de diversos países. Nos Estados Unidos, a crítica aos economistas é aberta. Em 1991, pouco antes de se aposentar, Ken Olsen, fundador da Digital Equipments, afirmou: "Não temos razão alguma para acreditar nos economistas. Em primeiro lugar, como pseudocientistas, eles realmente não seguem a tradição de dizer a verdade ou de atuar de forma analítica. Em vez disso, apenas querem influenciar resultados, particularmente os resultados de governo".

## PRESTÍGIO EM BAIXA

Ao fazer as primeiras quatro escolhas para compor sua equipe econômica, o presidente Bill Clinton convidou um senador do Texas para chefiar o Departamento do Tesouro, um congressista da Califórnia para comandar a agência de administração do orçamento e dois banqueiros de Nova York, um para atuar como assistente do presidente em assuntos de política econômica e outro para assumir o cargo de subsecretário do Tesouro. A influência dos economistas está em queda livre nos governos e também na iniciativa privada. O Citibank de Nova York empregava há dez anos, cinquenta economistas no seu departamento de análise de conjuntura. Hoje, são apenas quatro.

"Os infortúnios dos economistas surgem como consequência da crescente preocupação com problemáticas tendências de longo prazo, como o endividamento crescente, com os implacáveis déficits no balanço de pagamentos e talvez com o término da longa ascensão do padrão de vida da nação a partir do pós-guerra". Essa é uma explicação para o fenômeno oferecida por Alfred Malabre Jr., autor do curioso livro *Os profetas perdidos*, sobre os erros dos economistas.

O problema não é novo. Especialistas observaram a economia norte-americana e fizeram uma comparação com as determinações originárias do poderoso Council of Economic Advisers (CEA — Conselho de Consultores de Economia), órgão de assessoramento direto do presidente. O professor Robert J. Barro, de Harvard, desenvolveu o chamado índice de miséria, que reflete crescimento econômico, condições e níveis de emprego e taxas de juros. A conclusão é incrível: a miséria decresce mais quando a posição de presidente do CEA foi ocupada por um economista chamado "cargo vago". Sem economistas, a economia caminhou melhor.

## LABORATÓRIO ACADÊMICO

O Brasil, que está na antecâmara de uma recessão profunda, é especialista em lidar com crises econômicas. Em 1983, o País se descobriu sem condições de pagar sua monumental dívida externa. Recorreu, como vai fazer agora, ao Fundo Monetário Internacional (FMI). A inflação disparou, a política entrou em turbulência e o ciclo dos generais acabou. Tancredo Neves foi eleito, mas não tomou posse. José Sarney chegou à Presidência da República. Em seu governo teve início a farrá dos economistas.

A maioria, senão a totalidade, era formada nas melhores universidades norte-americanas. Lá, eles formulam teses, examinam possibilidades, perspectivas e desfrutam de pleno assessoramento dos melhores mestres. Retornam ao Brasil cheios de idéias, abarrotados de certezas. O Plano Cruzado nasceu nas faculdades dos Estados Unidos. Foi apresentado aqui com pompa e circunstância. Não deu certo. Sofreu diversas correções. Afinal, os economistas deixaram o presidente Sarney sozinho, pilotando uma enlouquecida inflação de oitenta por cento ao mês.

Economistas costumam vender bem a própria imagem. Há algum ti-

po de ligação entre o economista bem sucedido e sua capacidade de publicar artigos e influenciar governos. Dois deles são bem conhecidos dos brasileiros. Edmar Bacha era chefe do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB). Fez sua carreira por aqui. Depois foi para o Rio e hoje mora em Nova York. Agora, diz que detesta Brasília. É um dos pais do Plano Real. Outro, bem conhecido no Distrito Federal, é Cristovam Buarque. Não gosta de lembrar, mas é professor de Economia. Assessorou Tancredo Neves na montagem do governo, trabalhou no Ministério da Justiça, mudou de ramo. Agora é político.

## POLÍTICO ENRUSTIDO

No fundo, o economista é um político enrustido, ao menos no Brasil. Cristovam Buarque, neste caso, fez diferente. Abriu o jogo. Tenta realizar suas reformas respaldado pela confiança popular. A maioria dos economistas, contudo, não age assim. Os grandes planos, por eles lançados no laboratório Brasil de teses acadêmicas, envolvem reformas estruturais pesadas, sérias e profundas. No entanto, esses teóricos não têm mandato, nem qualquer tipo de representação. Lançam as idéias, que são sempre adaptadas da realidade norte-americana, e provocam tumultos políticos de bom tama-

nho. Quando as coisas não dão certo, abandonam o governo e se refugiam nas consultorias econômicas.

Zélia Cardoso de Mello é um bom exemplo. Vendeu tão bem sua imagem que os jornais e revistas publicaram um currículo que ela não possuía. Ninguém contestou. Confiou a poupança e nada mudou. A inflação voltou. Segundo o livro de Fernando Sabino, *Zélia, uma paixão*, dedicou-se a seus amores. Frustou-se em Paris, mas conseguiu casar com Chico Anísio. Hoje, separada, vive muito bem com os filhos em Nova York. A ex-ministra, poderosa czarina das finanças, junto com o ex-ministro do Planejamento, Antonio Kandir, realizou a inédita experiência de suprimir a moeda. Não deu certo.

O ex-ministro Antonio Delfim Netto trilhou outro caminho. Tirou o manto de economista e desceu à planície para pedir votos. Tem sido eleito, sucessivamente, pelos paulistas. Hoje é outra pessoa, muito diferente do tempo em que era o plenipotenciário chefe das finanças nacionais. Delfim fazia e desfazia. Criava e arrasava reputações. O deputado federal, no entanto, é um analista extremamente objetivo, um político presente nas principais negociações e um articulador capaz de enfrentar questões estratégicas. Na atual crise, o parlamentar tem tido uma voz firme na proposição de alternativas ao modelo encontrado pelos atuais detentores do poder.

## DÚVIDAS DE KENNEDY

Na medida em que o Brasil se aproxima da hora da verdade do encontro de contas, a sensação de estar passando um filme já visto é inquietante. As negociações com o FMI não são novas, nem originais. Os contribuintes morrem no final do filme. O presidente John Kennedy já duvidava da infalibilidade dos economistas, em discurso pronunciado em 1962: "Persiste o mito de que os déficits do orçamento federal geram inflação e de que os superávits orçamentários são capazes de evitá-la. Significativos superávits orçamentários do pós-guerra não foram capazes de evitar a inflação e persistentes déficits ao longo dos últimos anos não puderam perturbar a estabilidade básica de nossos preços". O falecido presidente tinha suas razões. A expansão econômica norte-americana iniciada em seu governo foi a mais longa já registrada naquele país. Durou quase 9 anos.

Fazer previsões é parte da profissão do economista. Ele ganha para arriscar palpites. Paul Krugman, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), lembra que a "economia é mais difícil que a física. Felizmente não é tão difícil quanto a sociologia". Elaine Garzarelli, do banco Shearson Lehman Brothers, tornou-se famosa ao

"A CRISE DA ÁSIA NÃO AFETA O BRASIL"  
Pedro Malan, ministro da Fazenda, em 24 de outubro de 1997



"QUANDO EXISTEM ACORDOS DE CRÉDITO COM O FMI, HÁ UMA PERDA DE SOBERANIA. ISSO PODE SER ACEITÁVEL PARA OUTROS PAÍSES, MAS NÃO PARA O BRASIL"  
Gustavo Franco, presidente do Banco Central, em entrevista a El Clarín, em novembro de 1997



"O REAL SOFRERÁ UM ATAQUE ESPECULATIVO EM TRÊS SEMANAS"  
Albert Fishlow, economista norte-americano, no dia 10 de janeiro de 1998.



anunciar o colapso iminente das bolsas de valores quatro dias antes da chamada Segunda-Feira Negra (16/10/87). Ela utilizou um modelo de 14 indicadores econômicos mensais.

A revista *Business Week* batizou o episódio de "alerta do século". O jornal *USA Today* afirmou que "os anos 90 pertencem à estrategista Elaine Garzarelli". No entanto, o escritor William Sherden, em seu livro *Mercadores da Sorte*, revela um quadro diferente. Entre 1986 e 1996, a economista fez previsões claras sobre altas e quedas das bolsas de valores em treze ocasiões diferentes. Só acertou cinco. Ou seja, 38% dos casos. Teria sido mais produtivo jogar uma moeda para cima do que pagar, e pagar caro, pelas opiniões da famosa analista.

Por essa razão, Alfred Malabre Jr. sugere que as economias tendem a se expandir até que encontrem restrições ao crescimento. Tais obstáculos podem surgir de diversas formas: altas taxas de juros, elevada inflação, limitações de capacidade produtiva, falta de mão-de-obra, endividamento e estoques excessivos, poupança insuficiente. "Iniciativas de política econômica poderão retardar por semanas, ou meses, mas não serão capazes de evitar a recessão. O ciclo econômico, da mesma forma que a natureza humana, está aqui para ficar", diz o escritor, que é um dos editores do *Wall Street Journal*.

## FÓRMULA QUE DEU ERRADO

A Academia de Ciências da Suécia acaba de fazer uma *mea culpa* frente ao mundo. Seus sisudos membros tinham acreditado nos economistas neoliberais. E atribuíram, ano passado, o prêmio Nobel de Economia aos norte-americanos Robert Merton e Myrow Scholes pela criação de um modelo econométrico de redução de riscos nas operações em mercados futuros. Eles haviam descoberto, supostamente, a fórmula infalível da fortuna. Não deu certo. Depois da crise da Rússia, o Long-Term Capital Management, que tem aquela dupla premiada como seus principais sócios, faliu. Foi salvo por um providencial empréstimo do Federal Reserve (Fed — banco central americano) no incrível valor de US\$ 3,5 bilhões.

Neste ano, a academia foi mais modesta. Entregou o prêmio anual a um indiano, Amartya Sen, professor na Universidade de Trinity, Inglaterra, que realiza estudos sobre pobreza e fome em países como Índia, Bangladesh, Etiópia e a região do Saara. Ele acredita que "não existe fome em verdadeiras democracias". A justificativa oficial para concessão da honraria informa que o professor "restaurou a dimensão ética na discussão dos problemas econômicos". A significativa mudança nos rumos da Real Academia da Suécia é o mais seguro indicador de que algo não anda bem no reino da economia. A era dos vendedores de ilusões, ao que parece, está no fim.